

Emoções em disputa: usos do “amor” em manifestações

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/
2179-0892.ra.2018.152039](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152039)

Bernardo Fonseca Machado

🏠 Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
✉ bernardofmachado@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende discutir os significados que o termo “amor” assumiu em duas circunstâncias de ação coletiva: as manifestações denominadas “mais amor em SP”, ocorridas em 2012, ano eleitoral na capital do estado de São Paulo; e a hashtag #LoveWins, iniciada em 26 de junho de 2015, após a Suprema Corte dos Estados Unidos aprovar a união civil entre pessoas do mesmo sexo. A questão que o trabalho procura responder é: *como e por que* o “amor” foi acionado nos debates políticos em questão? Ao que tudo indica, a aposta residiu justamente na capacidade de transcendência da emoção – ela superaria oposições (partidárias e sexuais). Ao valer-se de discursos com retórica emotiva, sujeitos produziram um argumento difícil de ser contestado, mobilizando um instrumento discursivo supostamente universal.

PALAVRAS-CHAVE

Amor, disputa política, gênero, sexualidade.

EMOTIONS IN CONTEST: “LOVE” IN DEMONSTRATIONS

ABSTRACT

The text intends to discuss the meanings “love” was used in two circumstances: the demonstrations called “More Love in SP”, that took place during 2012, an election year in the capital of São Paulo, Brazil; and the hashtag #LoveWins on June 26, 2015 after the Supreme Court of the United States approved civil union between same sex couples. The main question is: how and why was “love” used in political debates? Apparently, the intention resided precisely in the capacity for transcendence of the term “love”, it could overcome partisan and sexual opposition. I assume that, by using a sentiment, the public agents claim a universal speech, unmarked by specific interests.

KEYWORDS

Love, Politic Dispute, Gender, Sexuality

Desde os anos 2000, proliferaram trabalhos indicando a rentabilidade em atentar para os usos de retóricas emotivas no contexto de movimentos sociais. Pesquisas a respeito das relações entre sentimentos e ações coletivas têm proposto novas questões: Como emoções animam protestos? Como as regras e normas emotivas de uma comunidade inspiram ou desencorajam práticas? Como protestos afetam as regras e normas emotivas de uma comunidade? Como as emoções afetam a subjetividade e a identidade dos participantes dos movimentos (Goodwin, Jasper e Polletta 2001; Leite e Birman, 2004; Flam e King, 2005; Vianna e Farias, 2011)?¹

Inspirado por essas perguntas, trabalho aqui com duas ocasiões: primeiro, as manifestações denominadas “mais amor em SP”, ocorridas durante 2012, ano eleitoral na capital do estado de São Paulo, Brasil; e, segundo, a *hashtag* #LoveWins – #OAmorVence em português – publicado e divulgado em 26 de junho de 2015 após a Suprema Corte dos Estados Unidos aprovar a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Pretendo oferecer contribuição ao debate já instaurado atento particularmente a: 1) como algumas retóricas emotivas são acionadas em diferentes contextos e reivindicações; 2) como esses enunciados públicos com vista a disputa política foram marcados, sobretudo, por repertórios de gênero e sexualidade; e 3) quais os efeitos dessas gramáticas emotivas no enquadramento social após manifestações.

Estou em diálogo direto com pesquisas desenvolvidas sob o marco do que se convencionou chamar de *antropologia das emoções*. A respeito do assunto, nos anos 1980, proliferaram estudos na área da antropologia que tomaram “emoções” como objeto. Michelle Rosaldo (1980), Robert Solomon (1984), Lila

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016 em João Pessoa/PB. Agradeço a Maria Claudia Coelho e Maria Antônia Pedroso de Lima pelos comentários e sugestões. Sou grato ainda a Adriana Piscitelli, Júlio Simões e Michele Escoura. Suas indicações e apreciações foram decisivas para aprimorar os primeiros rascunhos das ideias aqui expostas. Por fim, as/os pareceristas e o revisor da Revista de Antropologia indicaram caminhos e correções fundamentais para o resultado final do texto.

² *Hashtags* são indexações de palavras na internet. Essa marcação de termos ocorre quando a palavra-chave do assunto é antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* viram *hiperlinks* na internet. Uma vez indexados, os termos podem ser clicados ou buscados em mecanismos como o Google. As *hashtags* mais usadas no Twitter ficam agrupadas como *Trending Topics*, isso é, “tópicos mais usados ou acessados”.

Abu-Lughod (1986) e Catherine Lutz (1986)³ são alguns dos nomes desse campo em emergência. Comum à essa literatura, sobretudo no início, era a pesquisa das “emoções” em sociedades “não-euro-americanas” ou em contextos “não-ocidentais”⁴. Anos depois, durante a década 2000, pesquisadoras na área de gênero retornaram ao debate e fizeram a pesquisa avançar, tomando como objeto as sociedades urbanas e utilizando, muitas vezes, uma abordagem interseccional (Constable, 2009).

Ainda na virada do século XX para XXI, pesquisas se debruçaram sobre a relação entre emoções, política, movimentos sociais e teoria social. No livro *Pas-sionate Politics: Emotions and Social Movements* organizado por Jeff Goodwin, James Jasper e Francesca Polletta de 2001, a intenção era “reincorporar as emoções tais como ódio e indignação, medo e desgosto, alegria e amor, em uma pesquisa sobre política e protesto” (minha tradução, 2001: 2). Segundo os organizadores e a organizadora, as emoções são centrais no que concerne a análise política. Quatro anos depois, em 2005, as sociólogas Helena Flam e Debra King publicavam um novo volume – denominado *Emotions and Social Movements* – interessado em discutir a relação entre movimentos sociais e emoções. Os textos ambicionavam mostrar como afetos conectam a macropolítica e a micropolítica dos movimentos sociais prestando atenção para o papel das emoções em constituir o coletivo e sua interação com seus oponentes, bem como com seu público.

No Brasil, pesquisadoras e pesquisadores recorreram ao arsenal metodológico e temático da antropologia das emoções ainda nos primeiros anos do século XXI de formas variadas. De um lado, trabalharam com as diversas maneiras pelas quais a violência atravessa o cotidiano de sujeitos em grandes cidades do país. Por exemplo, em 2004, Patrícia Birman e Márcia Pereira Leite organizaram o livro *Um mural para a dor*. A intenção era registrar os acontecimentos relacionados ao sequestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro em 2000. Autoras e autores do volume dedicaram-se ao escrutínio do vocabulário emotivo mobilizado por sujeitos em seus discursos.

Maria Claudia Coelho (2006, 2010) e Claudia Barcellos Rezende (2009) são exemplo de pesquisadoras que assumiram as “emoções” como objeto para análise continuada. Escreveram juntas um livro de bolso que mapeia o debate – *Antropologia das emoções* (2010). Particularmente, em 2010, Coelho explorou relatos de pessoas que foram vítimas de assaltos a suas residências. Seu texto revela como as manifestações dos sujeitos estavam inseridas em uma micropolítica das emoções. Em 2011, Adriana Vianna e Juliana de Farias trataram das relações de “violência” e “gênero” em situações de “luta por justiça” protagonizadas por mulheres mães de vítimas de violência institucional. As autoras compuseram uma análise particularmente atenta para a forma como pessoas expressavam sua dor.

3 O livro de Lutz, *Unnatural Emotions* (1988) é considerado um marco. A autora realiza um esforço para desconstruir da ideia de que “emoções” são originadas de determinantes psicológicas individuais e simultaneamente universais.

4 Para saber mais sobre essa literatura, há fontes variadas. Em 1984, Richard Shweder e Robert LeVine organizaram um volume cujos capítulos – assinados por antropólogos e antropólogas importantes do período – tratavam da relação entre a mente, o “self” e as emoções. Na ocasião, tomar as “emoções” como objeto de análise fazia parte da estratégia da então crescente antropologia culturalista: as emoções teriam fins comunicativos, não seriam estados internos com natureza universal. Alguns anos depois, em 1990, foi publicado o livro *Language and the Politics of Emotion* por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz. Nele as autoras diagnosticavam quatro tipos de abordagem analítica sobre emoções: essencialista, relativista, historicista e contextualista e propunham uma abordagem que tomasse os discursos emotivos como atos pragmáticos e performances comunicativas.

No que diz respeito ao “amor”, Luc Boltanski (2012 [1990]) discutiu quais condições uma denúncia pública de injustiça precisa cumprir de modo a ser tratada como aceitável. Segundo o autor, há regimes gramaticais sobre o “amor” que informam sujeitos em sua busca por “justiça”. Já em 1993, bell hooks (2000) dedicou-se aos impactos da escravidão nas experiências afetivas de pessoas negras escravizadas nos Estados Unidos – após anos de prática para reprimir sentimentos como uma estratégia de sobrevivência, pessoas negras passaram a compreender a habilidade de esconder emoções como signo de caráter forte. Anos depois, Eva Illouz (1997) discutiu as relações intrincadas entre consumo e a “utopia romântica” destacando como sujeitos de classe média compreendiam o “amor” associando-o a bens oferecidos pelo mercado – como consumir um jantar ou uma viagem. Já Laura Moutinho (2004) salientou como relações afetivo-sexuais são atravessadas por sistemas classificatórios, mas igualmente regimes morais e emocionais segundo categorias de raça e gênero. A título de balanço, em 2012, a pesquisadora Tania Salazar, da Universidade de Guadalajara, fez um esforço para mapear diversas pesquisas nas ciências sociais que abordaram o tema. Segundo ela, há quatro enfoques teóricos diversos que investigam o assunto: o socioestrutural, o sócio-histórico, o cultural e o de crítica cultural.

No que tange a movimentos sociais, desde o artigo de Eunice Durham (2004 [1984]) registram-se muitas mudanças, tanto na forma como grupos se organizam, quanto na maneira de discutir e refletir sobre mobilizações. Maria da Glória Gohn (2013) fez um balanço sobre a participação da sociedade civil nas últimas décadas prestando particular atenção a movimentos sociais, ONGs e outras formas de associativismo no Brasil. Em 2014, Irllys Alencar Firmo Barreira dedicou-se a uma análise dos significados das chamadas “jornadas de junho” de 2013. Seu trabalho persegue tanto a linguagem mobilizada nos protestos, bem como as expressões simbólicas associadas a esses eventos. Mais recentemente, novas pesquisas se debruçaram sobre ativismos jovens que adotam ação direta e uso das redes sociais como estratégias de expressão e visibilidade (Ferreira, 2015; Alegria, 2016; Lima, 2016). Julia Ruiz Giovanni vem desenvolvendo um trabalho continuado sobre os movimentos antiglobalização e altermundistas e, particularmente em 2015, escreveu a respeito dos modos de fazer uma ação social que adotaram estratégias artísticas para a expressão política.

No tocante ao movimento LGBT, Regina Fachinni (2005) discorreu sobre as formas pelas quais este movimento se constituiu ao longo da década de 1990. Já Isadora Lins França (2006) analisou as relações entre o então chamado movimento GLBT e o mercado de consumo GLS em São Paulo. Rafael de la Dehesa (2010) destacou como agentes dos movimentos sociais LGBT inseriram-se nos

espaços estatais no Brasil e produziram políticas públicas específicas para essa população. No plano internacional, Deborah Gould (2001) se dedicou à discutir como lésbicas e gays se envolveram no ativismo em relação ao combate à AIDS durante a década de 1980.

Este trabalho está em diálogo – direto e indireto – com esse manancial de pesquisas. Não estou interessado em esmiuçar como emoções são emanadas ou experimentadas por sujeitos. Antes, acompanho discursos que mobilizam uma retórica emotiva produzindo práticas e gerando efeitos. Investigo como um discurso que recorre ao imaginário do “amor” pôde assumir significados polisêmicos conforme enunciado por sujeitos variados. Deixo claro, desde já, que “amor” é tomado como categoria êmica, e não analítica – isso é, sigo os usos que a palavra assumiu nas circunstâncias selecionadas.

Sobre esse tópico, Goodwin, James e Polletta (2001) chamam a atenção para como pessoas empregam as emoções em distintas situações. Uma delas corresponde a adotá-las como “substantivos”: entidades distintas, dotadas de coerência e qualidades essenciais. Emprega-se “o ódio”, “a coragem” de forma consciente, nas brochuras dos movimentos, nos discursos públicos e nas relações. A intenção é provocar sentimentos⁵ e, conseqüentemente, engajamento das pessoas nas pautas defendidas. Manifestantes esperam criar “raiva”, sustentar “indignação”, induzir “orgulho” e afins. Ao meu ver, nas duas circunstâncias analisadas, sujeitos empregaram emoções como substantivo.

Dito isso, este texto dialoga com a metodologia que George Marcus (1995) chamou de pesquisa multissituada – abordagem cujo objetivo não é desenhar um retrato holístico, mas um mapeamento de trânsitos de pessoas, coisas, histórias e/ou conflitos. Assumo, portanto, que signos, símbolos e metáforas podem ser guias para o desenho da etnografia. A atenção às retóricas emotivas oferece uma possibilidade de conexão não óbvia entre domínios os mais variados. Aqui persigo o termo “amor” em dois contextos bastante diversos com a intenção de anotar como uma categoria supostamente “universal” ganha, na prática, contornos singulares e situacionais. Trata-se de uma estratégia para fazer ver e ouvir demandas e interesses determinados. Portanto, a questão é: *como* e *por que* o “amor” foi acionado nos debates políticos em questão?

EXISTE AMOR EM SP

No dia 21 de outubro de 2012 – entre o primeiro e o segundo turno das eleições municipais para a prefeitura de São Paulo – ocorreu, na Praça Roosevelt, região central, um festival denominado “Existe Amor em SP”. Coletivos envolvidos com a produção cultural da cidade – como Sarau na Quebrada, Matilha Cultural, SampaPé e Fora do Eixo – tinham como objetivo mostrar para os então candi-

5 Destaco que as palavras *afeto*, *emoção* e *sentimento* são usadas de maneira intercambiável no texto, apesar de elas poderem funcionar com significados diferenciados em disciplinas específicas. Por exemplo, na psicologia e na psicanálise, *afeto* é geralmente usado para indicar a manifestação física de uma emoção enquanto *emoção* é presumida para indicar um estado individual específico. Para saber mais sobre essa discussão, ver Cole e Thomas (2009).

dados à prefeitura, Fernando Haddad⁶ (PT) e José Serra⁷ (PSDB), que na capital paulista haveria um “espírito de solidariedade e resistência política que transcenderia partidos e regiões”⁸. Na ocasião, segundo estimativas, foram reunidas cerca de 8 mil pessoas. Embora o festival tenha tido uma ampla visibilidade e repercussão, o assunto – ou melhor, a pergunta a respeito da existência de “amor” na cidade – já circulava em jornais, músicas e nas falas de paulistanos e paulistanas. Considero pertinente perseguir, brevemente, seu significado.

Em primeiro lugar, a nomeação do evento fazia referência à música “Não existe amor em SP” lançada em 2011 no álbum “Nó na Orelha” do rapper Criolo. A letra declarava: “Não existe amor em SP/ Os bares estão cheios de almas tão vazias/ A ganância vibra, a vaidade excita/ Devolva minha vida e morra/ Afogada em seu próprio mar de fel/ Aqui ninguém vai pro céu”. Os sentidos da canção se adensam conforme sabemos quem é o sujeito que a enuncia. Kleber Cavalcante Gomes, o Criolo, nasceu em 1975 em São Paulo. Filho de retirantes nordestinos que se mudaram para o sudeste, é neto de estivador e bisneto de pessoas escravizadas no Ceará (Andrade, 2016). Ainda com 12 anos iniciou carreira de MC. Em 2006, ao lado do DJ DanDan e sob o nome artístico Criolo Doido, fundou a “Rinha dos MC’s” – eventos de “batalha de rimas” entre rappers que ocorreram em São Paulo entre 2006 e 2010⁹.

Segundo Teperman (2015), ainda em 2010, durante as gravações de “Nó na Orelha”, Criolo divulgou na internet uma nova versão da canção “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil. Com voz doce, sem gestos bruscos ou grandes, o cantor se distanciaria do “repertório de estilos do rap”. Para Teperman, Criolo propôs um paralelo entre a truculência do regime militar e a perversidade do cotidiano de pessoas pobres e negras nas periferias paulistanas. Dessa forma, a música “Não existe amor em SP” deve ser compreendida a partir da posição artística, política e social de Criolo, bem como em diálogo com sua trajetória como cantor. No próprio álbum, outras canções como “Sucrilhos” e “Linha de Frente” fazem referência à desigualdade, à violência e às assimetrias sociais da cidade.

Tomada ao pé da letra, entretanto, a afirmação do título da canção “Não existe amor em SP” tornou-se manchete da revista Folha São Paulo¹⁰. Em 30/07/2011, a jornalista Adriana Küchler¹¹ perguntou para doze moradores diferentes: “Existe amor em SP?”. Foram dois chefs de restaurante francês, um DJ, um colunista da Folha, um editor, um escritor, três compositores, uma cantora, um artista plástico e um cineasta. Descontextualizada do próprio álbum, a indagação por amor em SP foi interpretada segundo referências pessoais com a cidade. Um dos chefs de restaurantes declarou: “Sim. É certo que ele anda meio raro no meio de tanto caos e egoísmo, mas ainda existe muito amor em SP para aqueles que têm coragem de amar (e errar e tentar de novo)”. O artista plástico disse: “Existe amor em SP. Soterrado nas profundezas dos coraçõezinhos amortecidos

⁶ Nascido em 1963, em São Paulo, é bacharel em direito, mestre em economia e doutor em filosofia pela USP. Iniciou sua carreira política em 2001 como chefe de gabinete da Secretaria de Finanças e Desenvolvimento Econômico do município na gestão da então prefeita Marta Suplicy. Em 2003 foi convidado para integrar o Ministério do Planejamento do Governo Federal e, em 2004, tornou-se Secretário-Executivo do Ministério da Educação. Em 2005 assumiu o cargo de Ministro da Educação no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2012, o Partido dos Trabalhadores formalizou a candidatura de Haddad para concorrer às eleições municipais daquele ano. Em 2016, o professor finalizou seu mandato e João Dória tornou-se o novo prefeito da capital. Em 2018, Haddad concorre à presidência da República.

⁷ Natural da capital paulista, nascido em 1942, é economista e político filiado ao PSDB. Com longa carreira pública, foi candidato à prefeitura de São Paulo em 1996. Em 2002, concorreu à presidência da República e foi derrotado no segundo turno por Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2004, disputou, pela segunda vez, à prefeitura de São Paulo, e, dessa vez, saiu vencedor. Nas eleições seguintes, em 2006, tornou-se governador de seu estado. Já em 2010, se novamente presidente, perdendo para Dilma Rousseff. Tornou-se candidato, pela terceira vez, à prefeitura de São Paulo, em 2012, e viu a cadeira ser ocupada por Fernando Haddad.

⁸ Extraído de <https://www.facebook.com/events/433169650073617/>, acesso em 21/07/15.

⁹ Para saber mais, conferir Teperman (2015).

pela aridez pálida da cidade, brilha falho tal qual vaga-lume em noite de garoa”. A cantora afirmou: “Existe... muito... na aparente frieza. Na pressa... nas ruas malucas... existem seres maravilhosos... Nasci aqui e tenho uma noção muito real do amor maluco que envolve SP... É a mais bela cidade horrível do Brasil”.

Se o “amor” mencionado por Criolo dialogava com a sequência de músicas de seu álbum, na revista da Folha de São Paulo houve um deslocamento semântico e uma apropriação dos significados da palavra. Enquanto metáfora, o “amor” deixou de indicar uma posição social e política e passou a ser empregado em termos não enraizados, como uma forma genérica de descrever São Paulo – “caótica”, “egoísta”, “árida” e “fria”. Houve uma espécie de personificação da cidade, cujo corpo urbano marcaria as experiências de seus cidadãos e cidadãs.

No mesmo ano, em 15/04/2011, Xico Sá¹², escreveu uma coluna dedicada ao CD de Criolo no jornal Folha de São Paulo. O nome do texto era “Existe amor em SP”, dessa vez a frase em apresentada em teor afirmativo. O escritor chamava a atenção para manifestações urbanas presentes na cidade: pichações estampavam muros e viadutos da zona oeste. Elas diziam: “O amor é importante, porra” e “Mais amor, por favor”. Nesses escritos não está evidente o que se entende por “amor”, mas assume-se sua necessidade e relevância. Xico Sá ainda declarava, “O amor em SP é como o metrô da Paulista: começa no Paraíso e termina na Consolação”. Presente na metrópole, o afeto estaria condenado a uma trajetória de dor, justamente porque, ao final, a pessoa (ou habitante) precisaria ser consolada.

Nota-se como desde 2011 uma série de metáforas a respeito do “amor” rondavam por São Paulo informando sujeitos a pensar e enunciar suas experiências¹³. A frase cunhada por Criolo era adotada sem o tom de denúncia original. Outros corpos, moradores de outras regiões da cidade, sentiam-se autorizados a declarar suas experiências sobre o “amor na cidade” – ou “amor pela cidade”. Assim, um ano antes das eleições para a prefeitura do município, já estava em discussão a dúvida acerca da presença ou ausência de um “amor” – quase genérico – na metrópole.

Quando disparada a corrida eleitoral em 2012, o candidato Celso Russomanno (Partido Republicano Brasileiro – PRB¹⁴) assumiu, logo no início, o primeiro lugar das intenções de voto. Em segundo lugar – na maior parte das pesquisas – estava o candidato José Serra (PSDB) e, em terceiro, Fernando Haddad (PT). No dia 05 de outubro de 2012, às 20h, uma convocação realizada pela internet reuniu diversas pessoas na Praça Roosevelt, região central de São Paulo, para manifestar-se contra a candidatura que estava, até então, na dianteira. A escolha do local não foi aleatória: recém reinaugurada, em 29 de setembro daquele mesmo ano, a reforma da praça fazia parte de um projeto da prefeitura de reurbanização e “requalificação” da região. O grupo parecia querer ocupar o terreno e lhe conferir potencial de arena pública¹⁵.

10 Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp3107201105.htm>, acesso em 14/07/15.

11 Jornalista da Folha de São Paulo de 2005 até o momento.

12 Francisco Reginaldo de Sá Menezes, nascido em 1962 no Ceará. É jornalista e escritor.

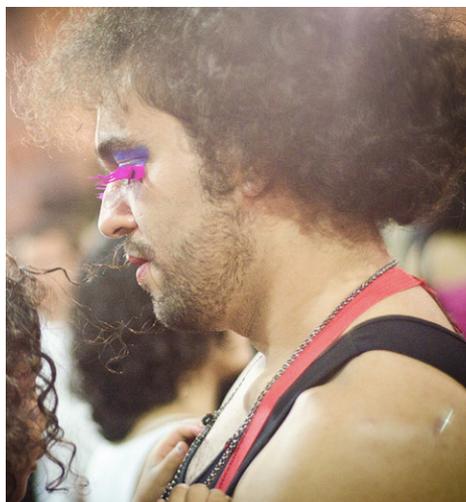
13 Sara Ahmed (2004) aposta que o uso de metáforas evidencia como emoções se transformam em atributos de coletivos que se constroem como “seres” por meio de seus “sentimentos”.

14 Nascido em 1956 em São Paulo, formou-se em direito pela Faculdade de Guarulhos. É especialista em defesa do consumidor. Tornou-se popularmente conhecido nos anos 1990 quando apresentava o programa *Aqui Agora* no SBT. Em 1994 foi eleito como deputado federal pelo PSDB, desde então, foi reeleito todas as vezes em que se candidatou. Em 2012, foi candidato à prefeitura da cidade de São Paulo.

15 Para saber mais sobre significados assumidos pela Praça Roosevelt em diálogo com grupos teatrais da região ao longo da década de 2000, verificar Machado (2012).

Conforme Glória Maria Gohn (2013), ao longo do século XXI manifestações passaram a ser promovidas por coletivos que se organizam via internet. Sujeitos deixaram de se identificar como militantes para se entender como ativistas – pessoas diversas atendiam chamadas para atos caso a causa lhes sensibilizasse. Na ocasião, a máxima era: “Amor sim, Russomanno não”. A frase construiu uma oposição entre uma pessoa e um sentimento¹⁶. Organizadores e organizadoras ambicionavam reenquadrar o candidato em uma nova gramática¹⁷. Sob esse ângulo, Celso Russomanno sintetizaria o que não era “amor”. Uma emoção deveria ser preservada em detrimento de uma candidatura.

As fotos do evento revelam também uma escolha política e estética: o rosa-choque estampava bandeiras, enfeites, roupas e maquiagens das e dos manifestantes¹⁸. Nas imagens publicadas pelo Circuito Fora do Eixo¹⁹, vê-se uma performance de gênero feminina e LGBTQB circulando na praça: mulheres com os seios à mostra e homens de cílios postiços foram convocadas e convocados por uma bandeira cuja cor costumeiramente é associada ao feminino.



16 Retirado de: https://www.facebook.com/AmorSimRussomannoNao/info?tab=page_info, último acesso em 06/09/17.

17 Sobre esse assunto, Helena Flam e Debra King (2005) analisam como movimentos sociais se constroem no trabalho de conquistar uma reordenação emotiva de tendências discursivas.

18 Uma série de fotos foi feita durante o evento, muitas delas estão disponíveis no endereço: <http://bit.ly/AmorSimRussomannoNAO>, acesso em 21/07/15.

19 O Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos culturais surgida no final de 2005 e ativa até hoje.

Figura 1
Fotos do Festival “Amor Sim, Russomanno Não” realizado na Praça Roosevelt em 05/10/12. Créditos: Circuito Fora do Eixo.

O evento estava em sintonia com uma série de manifestações promovidas por estudantes de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo. Desde a ocupação da reitoria em 2011, Paulo Favero – ou Paulinho Fluxus – vestia-se de rosa como “uma arma estética”. O rapaz era integrante da tropa “Tanq_ Rosa Choq_”, um movimento formado pela assembleia de alunas e alunos das Artes Plásticas da USP. A cada ato, o ativista pilotava um carrinho de supermercado repleto de canhões de plástico rosa-choque. Dessa forma, nota-se como combinavam-se referências que ajudaram a “dar o tom” da manifestação “Amor sim, Russomanno não” em 2012²⁰.

Além da cor, havia um esmero na escolha e apresentação dos trajes. Conforme Giovanni (2015), desde 2011 movimentos de outras regiões do planeta passaram a flertar com um repertório estético do campo artístico – particularmente, o 15M, a ocupação da Praça do Sol em Madri e o movimento Occupy nos Estados Unidos. Sendo assim, a intervenção ocorrida na Praça Roosevelt recorria a repertórios próprios dos mundos das artes. Paulinho Fluxus com seu tanque rosa-choque informou e serviu de referência para a intervenção na Praça Roosevelt. Sobre o assunto, André Mesquita (2008) destaca como, desde os anos 1990 e 2000, formas de composição de ações coletivas constituíram-se em relação direta com convenções e repertórios estéticos.

Não é possível desconsiderar que o rosa aparecia como uma alternativa para o azul e o vermelho, associados diretamente aos partidos que também concorriam as eleições no período: PSDB e PT, respectivamente. Na ocasião, em 2012, a prefeitura de São Paulo era disputada por nove homens e três mulheres²¹. Desde o começo das pesquisas, apenas os candidatos homens estiveram com a maior porcentagem de intenções de voto. Somadas, as mulheres receberam, ao final, o total de 2,88% ou 176.580 dos votos²².

Portanto, o festival “Amor sim, Russomanno não” demandava “amor” e a saída de um dos candidatos homens da corrida eleitoral. Talvez a escolha pelo cor de rosa evidenciasse que aquele cenário político não representava uma parcela da população – candidatos homens que não se preocupavam com o afeto na cidade deveriam ser confrontados no espaço público por mulheres e homens com performances de gênero feminina que flertavam com imaginários LGBT. Quem sabe, a cor sinalizava uma provocação para o fato de Russomanno ter reiteradamente se declarado religioso durante a campanha, bem como ter feito visitas a paróquias católicas e a igrejas neopentecostais.

Duas semanas após a manifestação, um segundo evento, dessa vez denominado “Existe Amor em São Paulo”, tomou conta da mesma Praça Roosevelt. A formulação de Criolo retornou em novo contexto. Tanto na página do Facebook, quanto na matéria publicada pelo G1 em 21 de outubro de 2012, o discurso afirmava um movimento apartidário, organizado por grupos os mais diversos.

20 Informações obtidas em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1236506-de-rosa-choque-paulinho-fluxus-faz-arte-e-ativismo.shtml>, acesso em 16/09/17.

21 Candidatas e candidatos eram Ana Luiza de Figueiredo Gomes (PSTU), Anaí Caproni (PCO), Carlos Giannazi (PSOL), Celso Russomanno (PRB), Eymael (PSDC), Fernando Haddad (PT), Gabriel Chalita (PMDB), José Serra (PSDB), Levy Fidelix (PRTB), Miguel (PPL), Paulinho da Força (PDT) e Soninha (PPS).

22 Fonte: <http://eleicoes.uol.com.br/2012/candidatos/resultado.htm?dados-municipio-ibge-id=3550308&dados-cargo-disputado-id=11>, acesso em 21/07/15.

Conforme dizia-se, a manifestação não pertencia a nenhum grupo ou partido político, embora estivesse comprometida em ser “essencialmente política”. É notável como o que se entende por “política” aparece, tal como o que se entende por “amor”, pouco definido. A intenção “pairarava” sem posicionamento expressamente situado. O texto do evento expunha o propósito:

E, para coroar o fim de semana, Celso Russomanno ficou fora do segundo turno. (...) Na mesma noite, um mapa eleitoral da cidade foi divulgado. E vimos uma São Paulo rigorosamente dividida entre um centro solidamente “azul”, tucano, e uma periferia exclusivamente “vermelha”, petista. (...)

Há anos SP vem se tornando mais agressiva, repressiva, individualista, proibida, militarizada. Enquanto favelas pegam fogo e a polícia ganha status de milícia, o poder político tenta acabar com o público em prol do privado. Acabar com a festa em prol do silêncio. Acabar com o pobre em prol do rico. Acabar com a justiça em prol da ordem. E, culturalmente, cria-se uma fronteira entre “azul” e “vermelhos” que só acirra ânimos e pânicos na cidade. Não acreditamos nessa falsa dualidade.

É hora de mostrar que existe em São Paulo um espírito de solidariedade e resistência política que transcende partidos e regiões. Que há uma maneira mais atual, eficiente e inspirada de fazer política por aqui. São pedestres, ciclistas, trabalhadores, desempregados, artistas, ativistas, cidadãos de todos os bairros que estão se encontrando, articulando e descobrindo que, juntos, podem ocupar a rua em nome de uma cidade mais pública, humana, inclusiva e gentil.

Uma cidade mais Rosa Choque!

Uma cidade com mais amor!²³

O discurso do excerto selecionado opera em uma lógica binária. Em um primeiro parágrafo, sinaliza a oposição entre os dois partidos que disputariam a prefeitura no segundo turno: PSDB e PT, azul e vermelho. Em seguida, o texto aposta em uma série de oposições que existiram na cidade: público e privado; festa e silêncio; pobre e rico; e justiça e ordem. O terceiro parágrafo defende transcender os binarismos a partir de um “espírito de solidariedade” e “resistência política”, o que é sintetizado na frase “Uma cidade com mais amor!”. Conforme a redação apostava, o “amor” poderia unificar polos políticos e acabar com a desigualdade. Isso é, como esse sentimento é universal, capaz de transcender “partidos e regiões”, tornaria a cidade mais “pública, humana, inclusiva e gentil”. Entretanto, não era um “amor” cristão ou religioso que se fazia presente, tampouco um “amor” romântico, mas justamente um discurso sobre “amor” que pretendia não se filiar a partidos, de modo a circular, a princípio, livremente pela cidade, transformando-a em um espaço sensível. Esse tipo de “amor” assumiria uma capacidade política transcendente.

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/433169650073617/>, acesso em 17/07/15.

Na ocasião, Criolo entoou sua música para a multidão reunida. Parecia subjazer uma noção de que era possível “unir” a cidade com uma fórmula afetiva. Sobre o assunto é preciso atenção, afinal, pesquisadoras feministas negras e do chamado “terceiro mundo” têm alertado para o perigo epistemológico e político de discursos universalizantes: sugerir a transcendência da diferença é, em si, escamoteá-la ou até negá-la (Mohanty, 1984; Crenshaw, 2002).

Meses depois, em janeiro de 2013, o prefeito eleito, Fernando Haddad do PT, em seu discurso de posse, declarou:

(...) As redes sociais convocaram a cidadania paulistana com um lema que me tocou muito profundamente: “existe amor em São Paulo”. (...) Tratava-se de um grupo bastante expressivo da cidade que tinha nesse lema um pedido para aquele que fosse eleito no domingo seguinte: cultivar a solidariedade, cultivar a diversidade, cultivar o amor ao próximo, que diz tanto sobre a nossa cidade. (...) Eu sou daqueles que acreditam não apenas que haja amor em São Paulo. Acredito que esse amor está pronto para se manifestar com cada vez mais força, com cada vez mais presença na cidade.²⁴

A fala do prefeito empossado sinaliza como a disputa política sob a bandeira “amor” tornou-se oficial. Fernando Haddad conclama a necessidade de “amor” na cidade. A palavra assumiu, nas eleições de 2012 para a prefeitura da cidade de São Paulo, um papel central. Esse é o exemplo de um sentimento que ganhou fôlego nos discursos políticos para justificar projetos de cidade e orientações de governo. Tal como salienta Leite (2004) comentando a respeito do discurso “pela Paz” no Rio de Janeiro na virada do milênio, Haddad parecia buscar um certo apagamento dos conflitos sociais e apostar em uma hipótese de reconciliação da cidade recorrendo a “bons sentimentos”.

Não estou sugerindo que foi o “amor” que ganhou as eleições. Apenas sinalizo para o fato de que o termo sofreu inflexões aos poucos e ganhou novas conotações nas falas de diversos agentes, fazendo-se presente em jornais e nos discursos oficiais como um aspecto importante para que o debate sobre a cidade ocorresse. Contudo, “amor” como categoria em discursos políticos não se restringiu à disputa eleitoral da prefeitura de São Paulo.

#LOVEWINS – CASAMENTO CIVIL ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO NOS EUA

No dia 26 de junho de 2015, a Suprema Corte dos Estados Unidos definiu a inconstitucionalidade de qualquer lei estadual que proibisse pessoas do mesmo sexo de se casarem. Na prática, restou reconhecido o direito ao casamento entre lésbicas e gays em qualquer um dos 50 estados estadunidenses. A decisão

²⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/86716-sei-que-as-tarefas-nao-sao-simples-afirma-haddad-durante-a-posse.shtml>, acesso em 22/07/15.

foi aprovada por cinco de nove juízes e juízas da mais alta câmara judiciária do país. Dos votos favoráveis, três foram de mulheres e, dos votos contrários, todos vieram de homens²⁵.

Um dos casos apreciados na corte chamava-se *Obergefell vs. Hodges*. Jim Obergefell era parceiro de John Arthur há 21 anos. Eles se conheceram em 1992 e mantinham uma vida juntos em Cincinnati, no estado de Ohio. Em 2011, Arthur foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica, uma doença que, segundo a medicina, não tem cura e cuja consequência é a perda do controle de movimentos musculares. Na época, eles não poderiam desfrutar de benefícios de assistência médica oferecidos pelo Estado a casais, pois, aos olhos da lei, não eram casados. Isso se deve ao fato de que, desde 1996, estava em vigor a “*Federal Defense of Marriage Act*” (DOMA), uma norma responsável por definir o matrimônio nos EUA:

*Fica determinado que, no significado de qualquer Lei do Congresso, ou de qualquer norma, regulamento, decreto ou interpretação dos vários órgãos administrativos e agências dos Estados Unidos, a expressão “matrimônio” significa exclusivamente a união legal entre um homem e uma mulher como marido e mulher, e a palavra “esposos/as” refere-se apenas à pessoa em oposição ao outro sexo, que é marido ou mulher.*²⁵

Entretanto, em 26 de junho de 2013, a Suprema Corte decidiu pela inconstitucionalidade da legislação em uma votação de cinco a quatro²⁶. Nesse caso, não emergiu, por parte de juízas ou juízes, qualquer argumento que evocasse a palavra “amor” para justificar os votos. A única manifestação que fez menção ao termo foi do então presidente Barack Obama, que, em comemoração, declarou: “amor é amor”²⁸. Obama defendia um sentimento “universal” capaz de igualar as pessoas: “Nós somos pessoas que declaramos sermos igualmente criados, assim o amor com o qual nos comprometemos com os outros precisa ser igual também”²⁹.

Após a declaração da inconstitucionalidade da lei DOMA, o casal John e Jim percebeu que poderia ter acesso a benefícios federais que até então eram exclusivos para heterossexuais. Por isso, eles decidiram formalizar os votos. Como em Ohio o casamento entre pessoas do mesmo sexo não era permitido, o casal viajou até Maryland, estado no qual a união marital entre homossexuais era legalizada. Em 11 de Julho de 2013, os noivos trocaram alianças, regressando, em seguida, para Cincinnati. Três meses após a cerimônia, Arthur morreu e John entrou com uma ação para que o casamento fosse reconhecido na certidão de óbito de seu esposo. A decisão foi favorável em primeira instância. Entretanto, o estado de Ohio recorreu e o caso chegou à Suprema Corte. Em 26 de Junho de 2015, o colegiado votou pelo reconhecimento nacional do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

25 Os juízes John C. Roberts Jr., Antonin Scalia, Clarence Thomas e Samuel Anthony Alito Jr. votaram contrários; as juízas Ruth Bader Ginsburg, Sonia Sotomayor e Elena Kagan, bem como Anthony M. Kennedy e Stephen G. Breyer, votaram favoráveis.

26 Livremente traduzido de “In determining the meaning of any Act of Congress, or of any ruling, regulation, or interpretation of the various administrative bureaus and agencies of the United States, the word ‘marriage’ means only a legal union between one man and one woman as husband and wife, and the word ‘spouse’ refers only to a person of the opposite sex who is a husband or a wife”. Disponível em: <http://thomas.loc.gov/cgi-bin/query/z?c104:H.R.3396.enr>, acesso em 24/07/15.

27 Pela constitucionalidade da lei votaram John C. Roberts Jr., Antonin Scalia, Clarence Thomas e Samuel Anthony Alito Jr. votaram pela inconstitucionalidade as juízas Ruth Bader Ginsburg, Sonia Sotomayor e Elena Kagan bem como Anthony M. Kennedy e Stephen G. Breyer. Uma votação exatamente igual àquela que, dois anos depois, declarou a inconstitucionalidade de qualquer lei que proibisse pessoas do mesmo sexo de se casarem.

28 Em seu Twitter, Obama escreveu: “Today’s DOMA ruling is a historic step forward for #MarriageEquality. #LovesLove” Extraído de: <http://forward.com/opinion/179327/obama-tweets-love-is-love-on-gay-marriage/#ixzz3hjPAB3Zp>, acesso em 24/07/15.

29 Livremente traduzido de “We are a people who declared that we are all created equal, and the love we commit to one

A decisão do julgamento, como assinalado, não foi unânime. De um lado, grosso modo, havia aqueles que alegavam não caber à Suprema Corte deliberar a respeito do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Segundo essa linha argumentativa, o judiciário não poderia realizar decisões de teor legislativo. Além disso, juízes alegavam caber a cada ente federado as decisões referentes ao tema, conforme previa a Constituição.

Do outro lado, juízas e juízes defendiam poder decidir sobre a matéria, pois ela dizia respeito a questões fundamentais na jurisprudência estadunidense: 1) o direito ao casamento e 2) a igualdade de direitos para todos os cidadãos e cidadãs. A ala de juízes e juízas favoráveis à união entre pessoas do mesmo sexo defendia o casamento como um direito inerente à liberdade individual – “instituição fundamental ao longo da história e da tradição”. O voto assinado por Anthony Kennedy defendia a igualdade no direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, realizando um paralelo à decisão da Suprema Corte que invalidou, em 1967, leis estaduais e federais que proibiam a união entre pessoas de diferentes raças³⁰.

Em seu voto, Kennedy afirmava existirem quatro princípios que demonstravam o matrimônio como elemento basilar da Constituição estadunidense. Em primeiro lugar, o casamento estaria diretamente associado ao princípio da autonomia individual na escolha do parceiro ou da parceira. Em segundo lugar, a formalização asseguraria a união entre duas pessoas de uma forma única e íntima. Em terceiro lugar, tal instituição promoveria segurança e proteção para as crianças. E, por último, seria a chave para a ordem social nacional.

Kennedy assumia a centralidade do casamento para a experiência individual e a nação estadunidense. Por esse motivo, prezando pela igualdade, haveria a necessidade de reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo como um direito. Só assim se garantiria a igualdade entre todas e todos e a ordem da “nação”³¹. No parágrafo conclusivo de seu voto, Kennedy declarou:

*Não há união mais profunda que o casamento, que representa os mais altos ideais de amor, fidelidade, devoção, sacrifício e família. Ao formar uma união marital, duas pessoas se tornam algo maior do que antes eram. Como demonstram os/as demandantes desses casos, o casamento representa um amor que pode sobreviver à morte. Não teríamos compreendido esses casais se disséssemos que eles desrespeitam a ideia de casamento.*³²

É notável como Kennedy faz uso do termo “amor” para fundamentar seu voto. O juiz realiza uma associação direta entre casamento, “amor”, “fidelidade”, “devoção”, “sacrifício” e “família” – o referencial cristão fornecia subsídio para justificar seu parecer. Em seguida, o voto defendeu ser o casamento a expressão de um

another must be equal as well”. Disponível em: <http://forward.com/opinion/179327/obama-tweets-love-is-love-on-gay-marriage/#ixzz3gpiMEIbe>, acesso em 24/07/15.

30 Em 1967, no caso *Loving vs. Virgínia*, a Suprema Corte dos Estados Unidos sentenciou inválidas todas as leis que proibiam o casamento interracial no território nacional.

31 É possível assinalar que o juiz estaria promovendo o que Sérgio Carrara (2013) diagnostica como “cidadanização da homossexualidade”. O pesquisador está interessado em tratar historicamente de como o conhecimento antropológico contribuiu para o processo de “cidadanização da homossexualidade”, isso é, como foram negociadas as fronteiras entre antropologia e política para a constituição de direitos para a população LGBT. Trata-se de um processo no qual agentes públicos, movimentos sociais, ativistas e outros exigem que sexualidades e expressões de gênero não normativas, e, portanto, marginalizadas, sejam incorporadas dentro do Estado e das políticas públicas.

32 Livre tradução do original em inglês: “No union is more profound than marriage, for it embodies the highest ideals of love, fidelity, devotion, sacrifice, and family. In forming a marital union, two people become something greater than once they were. As some of the petitioners in these cases demonstrate, marriage embodies a love that may endure even past death. It would misunderstand these men and women to say they disrespect the idea of marriage”. Disponível em: http://www.supremecourt.gov/opinions/14pdf/14-556_3204.pdf, acesso em 21/07/15.

“amor que pode sobreviver à morte”. Isso é, a relação defendida ao longo do texto é, em última instância, a representação “ideal” do “amor”: um tipo de afeto especial que ultrapassa limites temporais e, portanto, a própria morte.

Notemos a operação retórica utilizada por Kennedy. Em primeiro lugar, ele assume o casamento como um elemento fundante da sociedade e da nação estadunidense; em seguida, o juiz declara que o matrimônio é, nada mais, nada menos, do que a expressão do “amor”; por último, o “amor” é tido como substância comum presente em casais heterossexuais e em casais homossexuais. A comunhão do significado desse sentimento possibilitaria exatamente a compreensão. Assim, seria justo assegurar a pessoas do mesmo sexo o direito de se casarem, uma vez que casamento e “amor” são pares que convivem. Faltaria a parceiros de mesmo sexo apenas uma instituição capaz de formalizar o afeto entre casal: o casamento. Esse elemento, que seria supostamente exclusivo da esfera da intimidade, passa a ser alavancado como argumento político.

A categoria “amor” cumpriu, portanto, um efeito de estabilização. Como todas as pessoas “amam” e todas sentem “amor”, não haveria como negar a elas direitos. Portanto, “amor” foi acionado como uma categoria transhistórica e universal, capaz de permitir que heterossexuais e homossexuais compreendessem reciprocamente suas experiências. Não sugiro que a essencialização do “amor” seja algo exclusivo deste exemplo, mas seu conteúdo ganhou novos significados em tempos de casamento entre gays e lésbicas. Afetos que seriam, a princípio, incomparáveis – aqueles partilhados entre heterossexuais e aqueles partilhados por homossexuais –, tornaram-se comparáveis e equivalentes³³.

No mesmo dia, 26 de junho de 2015, logo após a decisão do judiciário, o então presidente Barack Obama publicou em seu Twitter a frase: “Hoje é um grande passo em nossa marcha para a igualdade. Casais de gays e lésbicas agora têm o direito de casar, tal como qualquer um. #OAmorVenceu”³⁴. A hashtag “Love Wins” ou, em português, “O amor venceu”, foi divulgada e tornou-se um dos *Trending Topics* do Twitter, alcançado o terceiro lugar dos assuntos mais comentados no dia³⁵.

Após a decisão da Suprema Corte, o presidente estadunidense ainda declarou: “As pessoas devem ser tratadas igualmente, independentemente de quem são e de quem amam”³⁶. Na mesma ocasião, seguiu Obama: “Amor é amor” – isso é, uma substância que não é experimentada de modo diferente por ninguém. Portanto, nessa disputa política, “amor” aparecia como um aparato universal capaz de oferecer uma gramática comum aos diferentes. Trata-se de um termo diplomático, cujo significado traduziria a existência de sujeitos com práticas não-normativas para uma linguagem “universalmente” compreensível.

A qual “amor” o presidente Barack Obama se referia quando sintetizou sua fala nos termos “O amor venceu”? Tratava-se do “amor” entre pessoas do mesmo

33 Segundo Gayle Rubin (1993), práticas heterossexuais e homossexuais seriam socialmente compreendidas como essencialmente diferentes.

34 Livremente traduzido do original: “Today is a big step in our march toward equality. Gay and lesbian couples now have the right to marry, just like anyone else. #LoveWins”. Disponível em: <https://twitter.com/potus/status/614435467120001024>, acesso em 10/07/15.

35 Disponível em: <http://www.trendinalia.com/twitter-trending-topics/globales/globales-150626.html>, acesso em 22/07/15.

36 Disponível em: <http://newyork.cbslocal.com/2015/06/26/supreme-court-same-sex-marriage/>, acesso em 23/07/15.

sexo que ganharam um acesso a direitos antes negados? Ou o “amor” – como categoria universal – que vence o ódio? Talvez a força política esteja nessa indeterminação semântica. Uma batalha supõe que alguém vença e alguém perca. No texto de Obama, a expressão “o amor vence” oculta uma acusação: o sentimento vence as pessoas desprovidas de “amor”? Ou as que defendem a desigualdade? É uma frase com teor político poderoso, pois desqualifica, via sentimento, quem não defende o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

É necessário salientar que a repercussão da decisão judiciária estadunidense extrapolou o território nacional e foi celebrada em redes sociais. Segundo nota divulgada pela rede Facebook, cerca de 26 milhões de pessoas no mundo utilizaram um filtro com as cores do arco-íris para celebrar a conquista do movimento LGBT, o que corresponderia a cerca de 0,01% dos usuários e usuárias da rede na época³⁷. Já as interações nesses filtros – curtidas e comentários –, chegaram a 565 milhões até 30 de junho de 2015³⁸. Sendo assim, trata-se de um “amor” com tonalidades do arco-íris, um “amor” marcado por uma sexualidade específica. Universal nos argumentos, singular nas cores.

Se formos considerar a paleta que passou a estampar tanto a Casa Branca, quanto o Palácio do Planalto – símbolos de poder dos Estados Unidos e do Brasil respectivamente – podemos afirmar que o “amor” LGBT venceu. A Presidência da República brasileira, além de alterar sua foto de perfil no Facebook escreveu, em sequência, as *hashtags*: *#OrgulhoLGBT* *#LGBTpride* *#OAmorVence* *#LoveWins*.

A palavra “orgulho”, estampada os enunciados, não era um termo desconhecido da comunidade LGBT. Durante a trajetória do movimento, essa emoção foi decisiva, particularmente nos anos 1980, conforme explica Deborah Gould (2001). Desde os famosos atos de resistência em Stonewall, na Nova York de fins dos anos 1960, a palavra manteve-se no vocabulário partilhado pelas pessoas atingidas. O sentimento converteu-se em *slogan* para uma prática libertária e um tipo ativismo. Quando se iniciou a epide-



37 Segundo dados divulgados pela empresa Facebook, em 28 de janeiro de 2015, o número de usuários e usuárias somava 1,39 bilhões. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/01/1581963-facebook-supera-estimativa-de-receita-de-analistas-usuarios-ja-sao-14-bi.shtml>, acesso em 22/07/15.

38 A título de comparação, entre 06 de julho e 27 de outubro de 2014, as interações via Facebook referentes às eleições presidenciais brasileiras somaram 674,4 milhões, segundo o site Uol. Foram 89 dias com média de 3,8 milhões interações diárias. No caso do filtro que comemorava o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a média foi de 18 milhões de interações diárias entre 26/07/15 e 30/07/15. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/eleicoes-batem-recorde-no-facebook-com-674-milhoes-de-interacoes/44874>, acesso em 22/07/15.

Figura 2

Imagem retirada do Facebook em 24/07/15. (Foto: Reprodução/ Facebook/ White House)

Figura 3

Imagem retirada do Facebook em 24/07/15. (Foto: Reprodução/ Facebook/ Palácio do Planalto)

mia de AIDS, lésbicas e gays em grandes cidades dos EUA – como Nova York e São Francisco – trabalharam para evitar a associação entre expressões de raiva e a política militante. A comunidade preferiu encorajar lésbicas e gays a chamar para si a responsabilidade de cuidarem-se mutuamente. Aos poucos, no entanto, a opinião pública intensificou um olhar de vergonha, medo e rejeição sobre esses sujeitos. O governo dos EUA respondia de forma simultaneamente negligente e punitiva. O aumento das mortes, a falha do governo em conduzir a crise, o crescimento repressivo da legislação acerca da AIDS e a decisão da Suprema Corte no caso *Bowers vs. Hardwick* anunciada em 1986 impactaram essa população em particular.

A respeito deste caso, Michael Hardwick (1954-1991) foi preso em 1986 por praticar sexo oral em outro homem dentro de sua própria casa. Anos antes, em 1982, um policial de Atlanta, Keith Torick, multou Hardwick por beber em público. O infrator não compareceu à corte e Torick obteve um mandado de prisão. Mesmo após pagar a fiança, o oficial apareceu três semanas depois na casa de Hardwick, munido de um novo mandado judicial – inválido –, com a intenção de prendê-lo. Flagrou o dono da casa praticando sexo oral consensual em outro adulto. A “lei da sodomia”, em vigor no estado da Georgia, criminalizava sexo oral e anal consentido em ambientes privados entre pessoas adultas – sem fazer distinção entre práticas homossexuais e heterossexuais. A lei sujeitava o infrator a uma pena de até 20 anos de prisão. Hardwick decidiu processar o Estado, desafiando a constitucionalidade da lei. Porém, por cinco votos contra quatro, perdeu o processo. Segundo um dos juízes da Suprema Corte, a Constituição não consideraria “um direito fundamental praticar sodomia homossexual”

Ao comparar sexo gay com “adultério, incesto e outros crimes sexuais” o tribunal negou a homossexuais o direito de praticar sexo consensual privado. A decisão despertou reações da comunidade. Protestos romperam em numerosas cidades pelos EUA, na medida em que a notícia se espalhava pelo país. Em Nova York, mais de seis mil manifestantes, enfrentando barricadas policiais, gritavam “*civil rights or civil war!*”, “direitos civis ou guerra civil!”. Lésbicas e gays faziam “resistência ativa”, “greve”, “protestos massivos”, “desrespeito às leis”, “retorno às ruas”. Gould (2001) salienta como o discurso emotivo da comunidade mudou após a decisão jurídica. A militância, antes dolorida pelo impacto do HIV, cresceu rapidamente. Uma nova agenda política ligava emoções – “indignação”, “raiva”, “medo” de morte e “dor” – ao ativismo militante. O “orgulho” foi novamente convocado.

Em 2015, o contexto era outro. Dessa vez, a decisão da Suprema Corte trouxe alento, felicidade e “amor”. Mais uma vez, não se trata de qualquer tipo de “amor”, mas um marcado por orientação sexual – LGBT. Um discurso sobre universalidade de afetos é simultaneamente pintado por uma bandeira do arco-íris que sinaliza que a arena será disputada pelos sentimentos daquelas e daqueles que foram – e são – socialmente marginalizadas e marginalizados. Nas palavras

do chefe do Comitê Nacional do partido Democrata, Debbie Wasserman-Schultz, “O amor é amor, e amor agora é lei”³⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – O “AMOR” NOS DISCURSOS

Emoções são mobilizadas de forma situacional nas gramáticas de agentes em ação coletiva como salienta Nancy Whittier (2001). Em seu estudo, a pesquisadora discute como sobreviventes de abuso infantil expressam diferentes emoções em acordo ao contexto no qual estão. Entre si, mobilizam emoções ambivalentes como raiva e orgulho, para ultrapassar a vitimização. Quando, por sua vez, estão reclamando por direitos e penas, costumam demonstrar dor, medo e vergonha de modo a legitimar suas reivindicações.

Nos dois casos estudados chamei a atenção para a disputa da categoria “amor”. O movimento “Existe amor em SP” empregou o termo como parte de uma campanha propositiva, com intenção explícita: primeiro, retirar Russomanno da disputa pela prefeitura e, depois, pautar o debate entre os candidatos no segundo turno. Já a hashtag #LoveWins configurou-se como uma campanha reativa: comemoração diante da decisão da Suprema Corte em ampliar direitos a uma parcela da população⁴⁰.

Presente em discursos oficiais – nas palavras de movimentos sociais, prefeitos, juízas e juizes e presidentes – o “amor” foi mobilizado como argumento de alta inteligibilidade e transcendência. Ele superaria oposições (partidárias, sexuais, ideológicas) apesar de ser – nos dois casos tratados – uma categoria marcada por gênero e sexualidade: no movimento “Existe amor em SP”, vinculado ao espectro feminino e flertando com uma estética LGBT; no #LoveWins, associado aos próprios direitos da população LGBT. A despeito dessas associações, o “amor” seria um argumento difícil de ser combatido, aparecendo, portanto, como um *instrumento discursivo* poderoso⁴¹. Reivindicá-lo sob essa chave é uma forma de grupos minoritários disputarem politicamente direitos e ascensão moral na arena social⁴².

Em uma passagem de seu livro, Luc Boltanski (2012 [1990]) sugere que o “amor”, tal qual a justiça, emerge como uma alternativa à violência. A justiça se dá pela comparação entre duas pessoas que estão em confronto e visam absorver a violência fazendo referência a uma equivalência universal – “todos são iguais perante a lei”. Já o “amor” adota um caminho “mais curto”: distancia-se das comparações e não se baseia em equivalências. A gramática emotiva produziria um convite à aproximação. Ao se empregar o termo “amor”, espera-se operar um procedimento que, nos termos de Boltanski, (2012 [1990]) “des-singulariza o caso”. Isso é, seria produzida uma condição fundamental para o “engrandecimento” da causa em questão, a fim de assegurar sua repercussão pública. Ao

39 Disponível em: <http://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/26/obama-gay-marriage-speech-victory-for-america>, acesso em 23/07/15.

40 Michele Escoura chamou minha atenção para essa particularidade do teor das campanhas. Sou grato por sua leitura cuidadosa e rigorosa.

41 Sealing Cheng (2010) defende que discursos “amorosos” podem ser usados como *performances comunicativas* entre sujeitos. Em sua pesquisa, a autora discute como mulheres Filipinas que se prostituem usam discursos “amorosos” em suas relações mercantis com clientes. Para Cheng o “amor” serve, nessas circunstâncias, como um idioma para comunicação que contém valores sobre o sujeito, sua intimidade e a família em processos de modernização e globalização. Neste texto, realizo um deslocamento da noção usada por Cheng para um outro contexto. Noto como o termo “amor” pode circular como *instrumento comunicativo* em esferas não apenas econômicas, mas também políticas.

42 Encontramos em outras ocasiões retóricas emotivas mobilizadas para aproximar sujeitos em torno de causas. Leite (2004) sinaliza como o grito “Basta!” produzia um efeito homogeneizante, igualando sujeitos os mais diversos na expressão da dor, na recusa à violência e na renúncia à vingança. O lema incluía e conectava: “a manifestação podia transcorrer sem ser propriamente contra nada, nem ninguém, mas a favor daquilo por que todos os participantes (como também os cariocas e/ou os brasileiros que individualmente compartilhavam sentimentos e valores contrários à violência) ansiariam: a paz” (Leite, 2004: 153).

trazer os sentimentos como argumento na disputa política, esses discursos mobilizariam “uma esfera de valores considerados acima de qualquer suspeita” (Barreira, 2001: 106).

Sob esse ângulo, nas duas ocasiões discutidas uma série de deslizamentos semânticos e negociações da categoria “amor” foram operadas. Em “Amor sim, Russomanno não”, o termo realizou dupla operação. De um lado, driblou a necessidade de um posicionamento definitivo dos sujeitos entre partidos políticos. De outro, produziu uma diferença quase incontornável – votar em Russomanno seria votar contra o “amor”. O deslocamento é radical – em nome de uma eleição se opõe uma candidatura a uma emoção. Outras comparações poderiam ter sido feitas, como chamar o postulante de “irresponsável”, “mau-político” e afins, mas talvez não tivessem um resultado simbólico tão eficaz. Já em #LoveWins, a linguagem do “amor” produziu um efeito de neutralização das desigualdades – todas as pessoas “amam”, portanto, merecem direitos iguais. O deslizamento é extensivo: a intensão é ampliar direitos – e afetos – para mais pessoas. A emoção teria conferido a capacidade para obter a “justiça” do sistema judiciário⁴³.

A palavra é a mesma, os significados e efeitos são diversos. Conforme Giovanni, “práticas organizativas, comunicativas e táticas de um movimento não apenas representam conflitos sociais, mas criam formas da experiência mesma desses conflitos” (2015: 18). Nesse sentido, as ações coletivas aqui descritas criaram formas de experiência e alteraram os limites do que era visível e dizível. Mobilizações políticas confeccionam emoções em sujeitos, tal como emoções produzem ações políticas. Uma análise atenta para essas gramáticas contribui para ver como, de um lado, emoções informam campos de disputa e, de outro, conflitos também alteram horizontes emotivos. Atentar para esse trânsito confere, a meu ver, um rico material para o debate.

43 Agradeço à Profa. Dra. Maria Claudia Coelho pela sugestão de análise.

Bernardo Fonseca Machado é estudante de doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo. Entre 2015 e 2016 foi *Visiting Student Research Collaborator* na Universidade de Princeton. É também membro dos grupos de pesquisa Etnohistória (USP) e do Núcleo dos Marcadores Sociais da Diferença (USP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila
1986 *Veiled Sentiments*. Londres: University of California Press.

ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (orgs.)

1990 *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge, Cambridge University Press.

AHMED, Sara

2004 *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh, Edinburgh University Press Ltd.

ALEGRIA, Paula

2016 *Sexualidade, política e juventude: uma etnografia das configurações de experimentação da sexualidade e do movimento estudantil entre alunos de uma escola pública*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Ciências Sociais, PUC-Rio – Capes.

ANDRADE, Lucas de Toledo

2016 *Vanguarda antropofágica e iluminação profana: possíveis “roteiros” para a leitura da produção de Criolo*. Londrina, dissertação de mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade de Londrina.

BARREIRA, Irllys Alencar

2001 “Política, memória e espaço público: a via dos sentimentos”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 46.

2014 “Ação direta e simbologia das ‘jornadas de junho’: notas para uma sociologia das manifestações”. *Contemporânea*, v. 4, n. 1: 145-164.

BOLTANSKI, Luc

2012 [1990] *Love and Justice as Competences: Three Essays on the Sociology of Action*. Cambridge, Polity Press.

CARRARA, Sérgio

2013 “Negociando fronteiras, negociando nas fronteiras: a antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil”. Palestra no Museu Nacional.

CHENG, Sealing

2010 *On the Move for Love – Migrant Entertainers and the US Military in South Korea*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

COELHO, Maria Claudia

2006 “Emoções, gênero e violência: experiências e relatos de vitimização”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 5, n. 13: 36-53.

2010 “Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2: 265-285.

COLE, Jennifer e THOMAS, Lynn

2009 *Love in Africa*. Chicago, The University of Chicago Press.

CONSTABLE, Nicole

2009 “The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex and Reproductive Labour”. *Annual Review of Anthropology*, (38): 49-64.

DEHESA, Rafael de la

2010 *Queering the Public Sphere in Mexico and Brazil – Sexual Rights Movements in Emerging Democracies*. Durham e Londres, Duke University Press.

CRENSHAW, Kimberlé

2002 “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Estudos Feministas*, (1): 171-189.

DURHAM, Eunice

2004 [1984] “Movimentos sociais: a construção da cidadania”
In THOMAZ, Omar Ribeiro (org.). *A dinâmica da cultura: ensaio de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro

2015 “Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 44.

FLAM, Helena e KING, Debra

2005 *Emotions and Social Movements*. Londres e Nova York, Routledge.

FRANÇA, Isadora Lins

2006 *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. São Paulo, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

FRY, Peter

1995-1996 “O que a cinderela negra tem a dizer sobre política ‘racial’ no Brasil”. *Revista USP*, São Paulo, (28): 122-135.

GIOVANNI, Julia Ruiz

- 2015 “Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2: 13-27.

GOHN, Maria da Glória

- 2013 “Sociedade civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs”. *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 14.

GOODWIN, Jeff; JAPER, James; e POLLETTA, Francesca

- 2001 *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. Chicago, The University of Chicago Press.

GOULD, Deborah

- 2001 “Rock the Boat, Don’t Rock the Boat, Baby: Ambivalence and the Emergence of Militant AIDS Activism. In GOODWIN, Jeff; JASPER, James; e POLLETTA, Francesca (orgs.). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. Chicago, The University of Chicago Press.

HOOKS, bell

- 2000 [1993] “Living to Love”. In PLOTT, M. e UMANSKY, Lauri (orgs.). *Making Sense of Women’s Lives: An Introduction to Women’s Studies*. Maryland, Rowman & Littlefield, pp. 231-236.

ILLOUZ, Eva

- 1997 *El consumo de la Utopía Romantica*. Oakland, California, University of California Press.

JOHNSON, Paul

- 2005 *Love, Heterosexuality and Society*. Londres, Routledge.

LEITE, Márcia Pereira e BIRMAN, Patrícia (orgs)

- 2004 *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.

LEITE, Márcia Pereira

- 2004 “As mães em movimento”. In LEITE, Márcia Pereira e BIRMAN, Patrícia (orgs.). *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.

LIMA, Stephanie

- 2016 “*As bi, as gay, as trava, as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução!*” *Uma análise sócio-antropológica do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES)*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LUTZ, Catherine A.

- 1988 *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll & Their Challenge to Western Theory*. Chicago, The University of Chicago Press.

MACHADO, Bernardo Fonseca

- 2012 *Iluminando a cena: um estudo sobre o cenário teatral nas décadas de 1990 e 2000 em São Paulo*. São Paulo, dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

MARCUS, George

- 1995 “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”. *Annual Review of Anthropology*. N. 24: 95-117.

MESQUITA, André

- 2008 *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)*. São Paulo, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

MOHANTY, Chandra Talpade

- 1991 “Under Western Eyes”. In MOHANTY, Chandra Talpade; RUSSO, Ann; e TORRES, Lourdes (org.s). *Third World Women and the Politics of Feminism*. Bloomington, Indiana University Press, pp. 51-80, 1991.

REZENDE, Claudia Barcellos

- 2009 *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia

- 2010 *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

ROSALDO, Michelle Z.

- 1984 “Toward an Anthropology of Self and Feeling”. SHWEDER, Richard A. e LEVINE, Robert A. (orgs.). *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Nova York, Cambridge University Press.

RUBIN, Gayle

- 1993 “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]”. In ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle; e HALPERIN, David (orgs.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York, Routledge.

SALAZAR, Tania Rodrigues

- 2012 “El amor en las ciencias sociales: cuatro visiones teóricas”. *Culturales*, v. VIII, n. 15.

SHWEDER, Richard A. e LEVINE, Robert A. (orgs.)

- 1984 *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Nova York, Cambridge University Press.

SOLOMON, Robert C.

- 1984 “Getting Angry: The Jamesian Theory of Emotion in Anthropology”. In SHWEDER, Richard A e LEVINE, Robert A. (orgs.). *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Nova York, Cambridge University Press.

TEPERMAN, Ricardo

- 2015 *Se liga no som – as transformações do Rap no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras – Claro Enigma.

VIANNA, Adriana e FARIAS, Juliana

- 2011 “A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional”. *Cadernos Pagu*, n. 37: 79-116.

WHITTIER, Nancy

- 2001 “Emotional Strategies: The Collective Reconstruction and Display of Oppositional Emotions in the Movement Against Child Sexual Abuse”. In GOODWIN, Jeff; JAPER, James; e POLLETTA, Francesca (orgs.). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. Chicago, The University of Chicago Press.

Recebido em 31 de janeiro de 2017. Aceito em 13 de abril de 2018.